



FUNDAÇÃO  

---

LUSO-AMERICANA



Ana Maria Almeida Martins

ANTERO DE QUENTAL  
E A VIAGEM À AMÉRICA  
REMANDO CONTRA A MARÉ

© 2011, Ana Maria Almeida Martins  
e Edições tinta-da-china, Lda.  
Rua João de Freitas Branco, 35A  
1500-627 Lisboa  
Tels.: 21 726 90 28/9 | Fax: 21 726 90 30  
E-mail: info@tintadachina.pt

[www.tintadachina.pt](http://www.tintadachina.pt)

Título: *Antero de Quental e a Viagem à América.  
Remando contra a Maré*  
Autora: Ana Maria Almeida Martins  
Revisão: Tinta-da-china  
Capa e composição: Tinta-da-china



1.ª edição: Fevereiro de 2011  
ISBN 978-989-671-054-5  
Depósito Legal n.º 322584/11

L I S B O A :  
TINTA-DA-CHINA  
M M X I

Os meus amigos António Machado Pires, Eduíno de Jesus, Guilherme d'Oliveira Martins, Manuela Rêgo, Mário Mesquita e Onésimo Teotónio de Almeida leram este texto como «advogados do diabo» e deles recebi o *nihil obstat* sem o qual esta viagem não teria sido publicada.

Agradeço à Dra. Isabel Beato, chefe do Arquivo Histórico da Marinha, e ao Vice-Almirante José Villas Boas Tavares, director da Biblioteca Central da Marinha — Arquivo Histórico, todas as facilidades concedidas.



—  — Antero de Quental na década de 1860. —  —

## Índice

A Carta de Joaquim Negrão a Bulhão Pato 11

*A Viagem de Antero de Quental à América  
do Norte*, de António Arroio 29

Carlos Fradique Mendes 57

Antero de Quental em Nova Iorque 75

Os Estados Unidos da América na Vida  
e Obra de Antero de Quental 101

Antero de Quental e a Literatura  
Norte-Americana 131

Índice Onomástico 153

Nota Biográfica 157

*A Carta de Joaquim Negrão  
a Bulhão Pato*

**B**iografias há recheadas de acontecimentos deturpados, retocados, ou mesmo inventados, quase sempre fruto da confusão, fantasia, ou esquecimento de familiares e amigos dos biografados. Frequentemente adquirem esses próximos o estatuto de testemunhas imprescindíveis e com referência obrigatória em publicações cujo conteúdo se torna difícil pôr em causa.

Antero de Quental foi uma vítima desses certamente bem intencionados amigos, como várias passagens do seu *In Memoriam* claramente o demonstram. Infelizmente este livro, através de várias das suas páginas, ajudou na construção do retrato fictício de um Antero transformado em personagem lendária, quase hagiográfica por vezes, e sem qualquer veracidade. Pode bem afirmar-se ter nascido aí o interesse mórbido pela sua biografia — interesse doentio, nas palavras de Eduardo Lourenço<sup>1</sup> — e que ainda hoje se mantém,

<sup>1</sup> *Antero ou a Noite Intacta*, Lisboa, Gradiva, 2007, pág. 22.

deixando na sombra ou ignorando-a totalmente, uma obra notável para além da poética (ainda assim a mais conhecida), passando pelo ensaísmo literário, histórico e filosófico, sem esquecer a colaboração jornalística em páginas de polémica antológicas e também de forte empenhamento social e sobretudo político.

Um dos episódios da sua vida chegou até nós pela mão de uma dessas testemunhas aparentemente incontestáveis é o do embarque repentino para a América do Norte, descrito justamente pelo capitão do barco e, portanto, assente na pseudo-autoridade suprema de quem o presenciou e tornou depois conhecido.

Segundo ele, era João de Deus o passageiro aguardado para embarcar no Porto. Mas, algarvio da serra, o poeta atemorizou-se, parece, com a ligeira ondulação estival do Douro e desistiu de se fazer ao mar. Antero, que dele se fora despedir, não hesitou, foi buscar os seus reduzidos pertences e seguiu para o Novo Mundo no lugar do amigo.

Nada disto, porém, corresponde à verdade, embora venha sendo repetido por todos os que, de uma maneira ou de outra, se têm ocupado da biografia anterior. Até José Bruno Carreiro, no indispensável *Antero de Quental — Subsídios para a Sua Biografia*, insere abundantes transcrições da «crónica» dessa viagem, entretanto editada, cuja autenticidade nunca questionou, até porque, devido à sua origem, não lhe levantava qualquer suspeita; nem era esse, de resto, o objectivo do livro, centrado, como o nome indica, na recolha e apresentação cronológica de material biográfico de conteúdo muitas vezes contraditório.

O livro de José Bruno Carreiro não é uma biografia, mas tem sido e será impossível escrever qualquer uma sem obrigatoriamente recorrer a esse apoio fundamental<sup>1</sup>.

Mas comecemos pelo princípio e, exactamente no princípio, está Joaquim de Almeida Negrão, «imortalizado» em 1896 por Jaime Batalha Reis na sua contribuição para o *In Memoriam* de Antero, «Anos de Lisboa — Algumas Recordações», ao escancarar-lhe as portas do «cenáculo» da Travessa do Guarda-Mor, ao Bairro Alto, em Lisboa, associando-o, como era devido, a João de Deus: «O João de Deus tinha então uma longa barba preta-azulada de moço chefe marroquino, e uns olhos prodigiosos de cavalo árabe. [...] Frequentemente com o João de Deus, havia padres, com quem o Antero discutia — muito mais profundo e, aparentemente, muito mais católico do que eles, — teologia cristã.»

Ocasionalmente o autor do *Campo de Flores* aparecia acompanhado pelo amigo Joaquim Negrão, «pescador de atum, artista, negociante, aventureiro e capitão de navios com quem o Antero fez a viagem de Nova Iorque». «Imortalidade» reforçada, anos mais tarde, em 1904, por Manuel Teixeira-Gomes na empolgante descrição de «Uma copejada de atum», em *Agosto Azul*: «Joaquim Negrão, curiosa figura desportiva, donjuanesca, aventureira, o mesmo que em moço levava Antero à América».

Observe-se como predomina, em ambas as descrições, o carácter aventureiro do personagem, leia-se estouvado, quicá um tanto gabarola, sem dúvida tão público e notório para quem

<sup>1</sup> Todo este árduo trabalho se encontra amplamente documentado em *Antero de Quental — A Construção de Uma Biografia*, Leitura, apresentação e notas de Ana Maria Almeida Martins, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2006.





— ✦ —  
 Joaquim de Almeida Negrão  
 (1839-1917) num desenho  
 de António Carneiro.  
 — ✦ —

o conhecia, que tanto Jaime Batalha Reis como Teixeira-Gomes não puderam deixar de o assinalar.

Joaquim de Almeida Negrão era algarvio, nascido em Portimão (ao tempo Vila Nova de Portimão), no ano de 1839, filho de um abastado comerciante que cedo o enviou para o Colégio dos Inglesinhos, em Lisboa, onde o jovem completou os estudos secundários, saindo a falar correctamente inglês, francês e até rudimentos de alemão. Um dos seus grandes amigos e companheiro de folgedos era, como já foi assinalado, o seu vizinho de São Bartolomeu de Messines, o poeta João de Deus, mas, quando este rumou a Coimbra para se matricular na Faculdade de Direito, o portimonense não o quis acompanhar. Do que ele gostava verdadeiramente era de se divertir, muito mais ainda do que o futuro pedagogo da *Cartilha Maternal*, e de levar vida despreocupada, um *bon vivant*, como então se dizia.

Porém, um incidente fortuito, a inesperada arrematação de um patacho em hasta pública, precisamente em Janeiro de 1868, veio pôr termo a uma ociosidade já um tanto inconveniente, mas onde os desportos náuticos tinham um lugar preponderante.

Ao patacho propriamente dito regressaremos mais adiante. Por agora fiquemos com as lições aprofundadas na arte de marear recebidas por Joaquim Negrão e que o levaram a fazer exame na Intendência da Marinha, ficando assim oficialmente apto para comandar qualquer tipo de embarcação. E de tal modo estimulante se revelou a nova actividade que, dentro em pouco, o jovem capitão do patacho, baptizado entretanto *Patacho Carolina*, partia em viagem de negócios, a primeira das quais, ao que parece, com um carregamento de figos secos destinado ao Porto.

Passaram-se anos, muitos anos, bem mais de vinte.

Nos finais de 1892, pois a resposta é de «Portimão, 18 de Janeiro de 1893», Bulhão Pato teve a ideia de escrever ao amigo Negrão pedindo-lhe detalhes acerca daquela viagem à América do Norte quando, nos idos de 1869, levava Antero em sua companhia. Essa resposta, «escrita sem a mínima preocupação literária», inseriu-a o autor da *Paqueta*, em *Memórias I* (1894), capítulo «Antero de Quental».

Da sua leitura ressaltam logo passagens facilmente rebatíveis para quem conheça minimamente a biografia anterior, e espanta que ninguém as tivesse contestado. «Devo-lhe a consolação de recordar-me. Obrigado, meu amigo! Não tenho a quem recorrer senão à memória; creio, porém, que não lhe darei muitas notas falsas.» (Deu muitas!)

O artigo termina com os poemas de Carlos Fradique Mendes/ Antero de Quental, todos datados de «Paris, 1867», como já foi indicado:

— «A Carlos Baudelaire (autor das *Flores do Mal*)», posteriormente publicado em *Primaveras Românticas* (1872) com imensas variantes. É o único que apresenta uma data precisa, «Paris, no dia do enterro de Baudelaire: 7 de Setembro de 1867» (aliás, 2 de Setembro). Sabemos, através de Bruno Carreiro, que Antero se encontrava em Paris ainda nos primeiros dias de Agosto, regressando quase logo a Portugal para embarcar com destino a Ponta Delgada, a 9. Assim sendo, a mistificadora referência funerária, coerente e possível para Fradique Mendes, não consta em *Primaveras Românticas*, onde se lê apenas «186...»;

— «Intimidade», também incluído em *Primaveras Românticas*, com o mesmo título e onde só o primeiro verso se encontra alterado;

— «As Flores do Asfalto», novamente incluído em *Primaveras Românticas*, sem qualquer variante, mas com um novo título, «Versos escritos num exemplar das *Flores do Mal*»

e

— «Noites de Primavera do Boulevard», integrado em *Raios de Extinta Luz*.

Mas é mais do que tempo para Carlos Fradique Mendes festejar o «reencontro com a pátria» e regressarmos à América do Norte na chegada do *Carolina* ao porto de Nova Iorque, em Brooklyn, nos finais de Agosto ou princípios desse Setembro de 1869.

## *Antero de Quental em Nova Iorque*

A permanência de Antero em Nova Iorque foi de cerca de um mês, de acordo com a única fonte documental até agora disponível, que continua a ser Joaquim Negroão nos seus dois depoimentos tantas vezes contraditórios.

«Pouco saiu e nada viu do que desejava ver», lê-se na carta a Bulhão Pato onde é referida a proposta que lhe fora feita por um negociante com importantes transações com o Brasil, para vir a ser o preceptor de dois filhos de dez e doze anos a quem queria «proporcionar completo domínio da língua portuguesa», oferecendo-lhe um ordenado de dois mil dólares por ano. No livro de António Arroio o negociante passa a riquíssimo banqueiro, especificamente um milionário, que o receberia em casa com ordenado a combinar. Inicialmente Antero teria acolhido a proposta com algum interesse, mas, tudo ponderado, declinou o convite, pois não possuiria serenidade suficiente para, compreensivelmente, aturar rapazes tão novos.

Neste segundo registo são também mencionados os passeios pelo Central Park onde estava então instalada uma

exposição industrial com todas as máquinas em funcionamento e Antero passava aí «horas esquecidas entretidíssimo a observar os vários trabalhos». Desde sempre interessado pela ciência, física e química, mas também pelas actividades industriais, não seria de estranhar essa curiosidade que muitos títulos da sua biblioteca pessoal testemunham, como por exemplo: *La conservation de l'énergie*, de Balfour Stewart, *La synthèse chimique*, de Berthelot, *La physique moderne*, de E. Naville, ou *Les étoiles; essai d'astronomie sidérale*, de Angelo Secchi, entre muitos, muitos outros. Assim, as «horas esquecidas» não se esgotariam num só dia e, a propósito, talvez tenha algum interesse referir um episódio passado precisamente no recinto da exposição industrial, descrito em António Arroio:

[...] Uma tarde, na Exposição, o seu amigo e companheiro pensou em adquirir uma máquina de fazer café, que o fazia efectivamente delicioso. Mas a máquina era muito cara. Negrão e Antero provaram contudo a excelente bebida, fornecida gratuitamente ao público numas xícaras pequeninas. Voltaram no dia seguinte e repetiram a prova. Ao terceiro dia, porém, Antero imaginou que o homem olhava atentamente para ele. É porque já devia conhecê-lo. E não tomou mais café. Negrão, contudo, verificou que era impossível, dada a multidão que diariamente por ali passava, conhecer o homem todas as pessoas que se lhe dirigiam e a quem ele explicava a teoria da máquina. Porque lha explicou, várias vezes, sem nunca se recordar de que já o havia feito. E Negrão provava sempre o café.



— — —  
 — — —  
 Rua de Nova  
 Iorque, século XIX.  
 — — —

Para além do emblemático «borlismo» lusitano que não tinha em Antero um lídimo representante, avulta neste apontamento a ingenuidade e cegueira masculinas para negar a possibilidade de o dono da máquina lembrar os rostos de todos os que se lhe dirigiam. Assim aconteceria por certo com Joaquim Negrão, homem na aparência semelhante a milhares de outros por esse mundo fora. Antero, porém, destacava-se pela sua beleza física, assinalada pelos contemporâneos, e tinha obviamente consciência dela, justificando-se por isso o seu escrúpulo ao sentir-se intensamente observado. É o próprio António Arroio a recordar, precisamente na *Viagem à América do Norte*, como no ano seguinte, em 1870, Antero o examinara em História, no Liceu do Porto: «Lembro-me que me interrogou sobre a invasão mourisca em Espanha e que enquanto eu toscamente lhe despejava em cima o *Eurico* de Herculano, ele observava-me com a máxima

enredada em teorias frequentemente precipitadas e quantas vezes incoerentes. E é porque a obra existe (ainda que com vários títulos infelizmente de há muito esgotados), que Antero de Quental permanece de pedra e cal na cultura portuguesa resistindo a tantos absurdos. Aliás, a não ser assim, ter-se-ia já sumido no luso nevoeiro se apenas a sua pessoa estivesse em causa, embora não esquecendo o exemplo de dignidade moral, cívica e intelectual que o elevou a símbolo de uma das nossas mais brilhantes gerações — *a Geração de 70*.

## Índice Onomástico

- ADAMS, John Quincy: 117  
 AFONSO V, D. (rei de Portugal): 52  
 ALBUQUERQUE, Martim de: 150  
 ALMEIDA, Custódio Duarte de: 134  
 ALMEIDA, Manuel Duarte de: 25, 26, 48  
 ALMEIDA, Onésimo Teotónio de: 54, 110  
 ANDRADE, Anselmo de: 65  
 ANDRADE, Eduardo de Almeida: 134  
 ANES, Vasco: 53  
 ARAÚJO, António Joaquim de: 134, 136  
 ARAÚJO, Joaquim de: 122, 134, 136, 139, 144  
 ARRIAGA, Manuel de: 21, 65, 66  
 ARROIO, António: 31, 32, 33, 36, 40, 41, 42, 43, 47, 48, 50, 54, 56, 77, 78, 79, 81, 87, 88, 90, 92, 95, 97, 98, 129  
 AZEVEDO, Guilherme de: 126
- BALZAC, Honoré de: 111  
 BARBIER, Auguste: 150  
 BAUDELAIRE, Charles: 59, 61, 63, 70, 72, 74, 137, 142  
 Bensaúde, José: 87  
 BERTHELOT, Pierre: 78  
 BJÖRKMANN, Göran: 91  
 BLAZE DE BURY: 22  
 BONANÇA, João: 123
- BRAGA, Teófilo: 61, 62, 63, 66, 111, 123, 127  
 BRANDÃO, Mário: 108  
 BRITO, Joaquim M. Rodrigues de: 112  
 BYRON, George Gordon, Lord: 63, 64, 139
- CABRAL, Filomeno da Câmara de Melo: 141  
 CAMÕES, Luís de: 91, 140, 144  
 CANNIZZARO, Tommaso: 144  
 CARLOS, D. (rei de Portugal): 97  
 CARREIRO, José Bruno: 14, 15, 36, 48, 74, 111, 120, 122  
 CARVALHO, Joaquim de: 103  
 CASTELAR, Emilio: 23, 24  
 CASTELO BRANCO, António de Azevedo: 113, 134, 140, 144  
 CASTILHO, António Feliciano de: 118  
 CATROGA, Fernando: 137  
 CERVANTES, Miguel de: 90, 91, 93  
 COLOMBO, Cristóvão: 52  
 CORDEIRO, Luciano: 62, 63, 64, 66, 68, 69  
 CORTE-REAL, João Vaz: 52  
 CUNHA, Isabel Férrin: 150
- DANTE Alighieri: 140  
 DAUPIAS, Pedro: 80